



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES**  
**CURSO DE LETRAS**

**O ENSINO DE LITERATURA: UMA CONTRIBUIÇÃO  
SIGNIFICANTE NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO**

BRASÍLIA  
Novembro de 2013

**LUCIVÂNIA PINHEIRO DA SILVA**

**O ENSINO DE LITERATURA: UMA CONTRIBUIÇÃO  
SIGNIFICANTE NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO**

Monografia apresentada à faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Licenciatura em Letras, tendo como Orientadora: Profa. Dra. Olívia Rocha Freitas

BRASÍLIA  
Novembro de 2013

# **O ENSINO DE LITERATURA: UMA CONTRIBUIÇÃO SIGNIFICANTE NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO**

Monografia apresentada à faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Licenciatura em Letras, tendo como Orientadora: Profa. Dra. Olívia Rocha Freitas

Aprovada em 27/ 11/ 2013

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Olívia Rocha Freitas

---

Prof. Dr. André Moreira

---

Profa. Dra. Maria Eneida Matos da Rosa

## **Agradecimentos**

Agradeço antes de tudo a Deus, por ter me concedido as suas bênçãos: saúde, fé, coragem, força, esperança e foco para trilhar esta longa e importante trajetória da minha vida. Somente pelo seu amor e misericórdia é que consegui enfrentar com muita determinação todas as barreiras impostas por este sistema vil o qual é na, maioria das vezes, imensuravelmente impiedoso.

Agradeço ao meu querido pai, Raimundo Pinheiro Rocha, que mesmo diante de tantos problemas nunca desistiu de minha pessoa. Apoiou-me em tudo. Sempre me transmitiu com muita ternura, carinho e confiança a autenticidade para eu ser sempre a mesma pessoa em tudo, em quaisquer circunstâncias. E, ainda, ensinando-me agir com sabedoria e humildade diante de qualquer situação por meio de sua vasta experiência de vida.

Quero agradecer imensamente à minha orientadora, Profa. Dra. Olívia Rocha Freitas, e, aos professores Dr. Amauri Rodrigues da Silva, Msc. Rosi Valéri Corrêa Araújo, Dra. Ana Luisa Montalvão Maia, Dra. Mara Lúcia Castilho, Dra. Cátia Martins que, acreditaram em minha valentia ao longo do curso, por me incentivarem a continuar nessa busca com perseverança. Também não posso deixar de agradecer às minhas amigas, as quais considero como irmãs, que estiveram lado a lado comigo durante essa caminhada: Anatalice Mota, Maciléa O. Bastos e minha queridíssima Noêmia Dias Fonseca.

Não posso deixar de agradecer a um querido amigo, a quem muito estimo, que por ser uma pessoa muito solícita acabou se tornando o grande responsável por essa conquista, José Pedro dos Santos, meu fiel e adorável amigo que, durante muito tempo se arriscou indo me buscar no ponto de ônibus, altas horas da madrugada. Agradeço, ainda, a outra pessoa que representou muito em minha formação, D. Maria José Campelo, que me incentivou a percorrer essa jornada, ajudando-me em todos os sentidos. A todos esses o meu eterno muito obrigada.

## Resumo

O trabalho apresenta a prática da leitura do gênero crônica em sala de aula e tem como *corpus* a crônica “Segurança”, de Luís Fernando Veríssimo, problematizando a formação do leitor crítico. Parte-se da interpretação das políticas públicas para a Educação como a LDB e os PCN, destacando de que forma a leitura literária é enfatizada, evidenciando a importância do letramento literário e a aplicabilidade do gênero crônica em sala de aula. A metodologia que norteou a pesquisa é indutiva do tipo qualitativa, coletando dados por meio da pesquisa bibliográfica e o estudo de caso, a prática da leitura da crônica “Segurança” em sala de aula. O *corpus* propicia uma leitura prazerosa e nem por isso de menor qualidade, já que o texto apresenta uma linguagem acessível, possibilitou a provocação de reflexões em torno dos costumes, bem como a denúncia de comportamentos da sociedade.

**Palavras-chave:** Políticas públicas de Educação. Letramento literário. Leitor crítico. Crônica.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
<b>CAP.1: PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: LEITURA E LINGUAGEM LITERÁRIA.....</b>	<b>7</b>
<b>1.1 - DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.....</b>	<b>7</b>
<b>1.2 - PCN E A LEITURA: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O MUNDO.....</b>	<b>8</b>
<b>1.3 : PCN E A LINGUAGEM LITERÁRIA.....</b>	<b>10</b>
<b>CAP. 2: O LETRAMENTO LITERÁRIO .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 - O LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA.....</b>	<b>14</b>
<b>CAP. 3: O GÊNERO CRÔNICA EM SALA DE AULA.....</b>	<b>20</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca estudar uma maneira eficiente de formar um leitor crítico, do ensino Fundamental II, em sala de aula, utilizando-se do gênero crônica como instrumento de reflexão.

O *corpus* da pesquisa é a crônica “Segurança”, de Luís Fernando Veríssimo, e a escolha deveu-se principalmente à fácil acessibilidade de leitura que tal gênero propicia. Os objetivos da pesquisa se caracterizam na importância das políticas públicas orientadas para a Educação como a LDB e os PCN e o letramento literário e a prática em sala de aula do gênero crônica.

A metodologia utilizada segue o método indutivo do tipo qualitativo e desenvolve-se pela pesquisa bibliográfica, que tem na leitura de livros, de artigos, destacando-se autores como Rildo Cosson, Magda Soares, Afrânio Coutinho, Paulo Freire, entre outros e o estudo de caso, a análise da crônica “Segurança” de Luís Fernando Veríssimo como prática da leitura do gênero crônica em sala de aula.

O trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro trata das políticas públicas para a Educação, a LDB e os PCN; no segundo capítulo, o destaque é a importância do letramento literário; e, no terceiro, é feita uma análise da crônica “Segurança” de Luís Fernando Veríssimo, explicitando a prática da leitura do gênero crônica, em sala de aula, com o intuito de responder o problema da pesquisa que consiste em verificar qual a contribuição do ensino de literatura na construção do sujeito crítico?

Se a palavra ler vem do latim *legere*, significando *ler* e *colher*, o que interessa, portanto, quando se fala de leitura são os efeitos sobre o indivíduo como forma de conhecimento ou reconhecimento da realidade.

Se a leitura propicia colher conhecimentos e conhecimento é sempre um ato criador, nasce desse jogo da percepção um olhar mais crítico para o contexto, inaugurado pela reinterpretação. A leitura é uma prática criadora, transformadora da ordem. E não existe revolução maior do que aquela que se opera em todo ato de fala ou de leitura. Quando se lê, reescreve-se, cria-se o que já está aí. O que o mundo oferece só através da leitura adquire sentido, existência, valor.

## CAPÍTULO I

### **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: LEITURA E LINGUAGEM LITERÁRIA**

*A leitura do mundo precede a leitura da palavra. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.*

Paulo Freire

#### 1.1 DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

No Brasil, algumas políticas públicas têm determinado orientações a respeito da Educação com o objetivo de diminuir as lacunas do ensino da língua portuguesa e da literatura, como, por exemplo, a Lei n. 5.692/1971, a Lei das Diretrizes e Bases, e a Lei 9.394/1996, das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, os Parâmetros Curriculares (PCN).

Não se pode deixar de mencionar que os PCN se orientam pelas determinações propostas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco, que apresentam as seguintes características: aprender a conhecer (autonomia e continuidade dos estudos), aprender a fazer (aplicando aos conteúdos escolares em situações concretas da vida social). Aprender a viver com os outros (desenvolver atividades em grupo, respeitar as diferenças do outro, desenvolver atitudes e valores como tolerância e pluralismo) e aprender a ser (identidade, autonomia, responsabilidade social).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram criados para que as diretrizes da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) seguissem um processo de atualização acerca da relação ensino e aprendizagem compatíveis com os novos tempos, especialmente no desenvolvimento de uma relação interdisciplinar, estimulando a permeabilidade entre as disciplinas da estrutura curricular, além de estabelecer um relacionamento entre ensino, ciência e tecnologia, tendo a categoria da competência como um dos conceitos centrais.

Assim, nos PCN, encontram-se críticas que se voltam para o sistema tradicional de ensino, não se admitindo apenas a transmissão de conteúdos de forma mecânica,



mas propiciando uma visão holística dos alunos, dando ênfase nos aspectos cognitivos, psíquicos e sociais:

Pode-se dizer que hoje é praticamente consensual que as práticas devem partir do uso possível aos alunos para permitir a conquista de novas habilidades linguísticas, particularmente daquelas associadas aos padrões de escrita, sempre considerando que a razão de ser das propostas de leitura e escrita é a compreensão ativa e não a decodificação e o silêncio; a razão de ser das propostas de uso da fala e da escrita é interlocução afetiva, e não a produção de textos para serem objetos de correção; as situações têm como objetivos levar os alunos a pensar sobre a linguagem para poder compreendê-la e utilizá-la apropriadamente às situações e aos propósitos definidos. (BRASIL, 1998, p. 18-19)

O documento levanta questionamentos importantes, entretanto não os desenvolve, o que impossibilita, muitas vezes, um trabalho melhor articulado pelo professor que nesse instrumento procura uma base de orientação para sua prática em sala de aula.

É claro que não se pode esperar que os PCN sejam capazes de dirimir todas as dúvidas de quem leciona, pois seu objetivo é apenas apresentar uma orientação geral aos profissionais da educação, mas poderia minimamente explicar conceitos que trariam maior clareza e objetividade ao instrumento, como, por exemplo, o sentido mais restrito dado à linguagem a ser trabalhada com os alunos.

Esse conceito é, para os professores de língua portuguesa, essencial, pois os PCN apresentam como elemento fundamental para o ensino-aprendizagem um trabalho ampliado do uso da linguagem para desenvolver a prática da escrita e da leitura, como podemos perceber a seguir.

## 1. 2. PCN E A LEITURA: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O MUNDO

De acordo com os PCN:

No processo de ensino-aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental, espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, p.32)

Ao se falar em situações comunicativas, o processo da leitura é uma aprendizagem que leva à cidadania, pois esta possibilita, através de uma didática

participativa e prazerosa, um conhecimento resultante da análise crítica e social do contexto da leitura e da realidade vivida pelo aluno.

Como já foi mencionado na introdução deste capítulo, esta pesquisa tem como objetivo despertar o leitor crítico apoiando-se na leitura e análise de crônicas mais apreensíveis ao Ensino Fundamental II, é pelo viés da cidadania, do questionamento, destacando a leitura de mundo, que é um ato de compreensão do que se vê ou se sente.

A criança inicia seu aprendizado a partir de sentidos anteriores aos da visão: aprende a respirar e, aos poucos, troca um modo de viver por outro, percebendo novas realidades através do tato, olfato, paladar. Acrescenta, mais tarde, a essa vida quase que apenas sensitiva, o mundo da linguagem oral e depois o da escrita que a primeira palavra lida inicia.

Ler significará para sempre o ato de compreender, estabelecer relações inicialmente individuais com cada objeto ou ser que se nomeia, ampliando-as mais tarde. Ao fazê-lo, a criança descobre a função desse objeto no contexto em que está inserido. E quanto maior o número de relações estabelecidas, mais importância adquire, maior riqueza lhe oferecerá o objeto da leitura, o livro – e a realidade que lhe deu origem.

Segundo Paulo Freire (1984), o processo da leitura é o entendimento que estabelece uma relação dinâmica que vincula a linguagem à realidade. Essa ligação possibilita uma melhor percepção do indivíduo, do universo das palavras e o contexto a que se referem.

A palavra ler vem do latim *legere*, significando *ler* e *colher*. Ler significa colher informações e conhecimentos, sendo este sempre um ato criador, pois obriga o indivíduo a rever o que já está conhecido, introduzindo um mundo de novos saberes, de novas relações.

Nesse jogo de novos saberes, de novas relações, o indivíduo inicia a percepção de um olhar crítico, de uma reinterpretação da realidade que o cerca. Quando se lê, cria-se, recria-se, muda-se uma ordem já existente.

Portanto, a inserção no mundo da escrita é um ato de conhecimento e, conseqüentemente, de prazer, ao deixar-se “levar” pelo texto, observar que a vida está presente no texto e como tal é parte do mundo do leitor.

### 1.3 PCN E A LINGUAGEM LITERÁRIA

A habilidade da leitura acima descrita pode ser aplicada tanto para textos literários como para textos não literários, pois a capacidade do aluno de apreender o mundo crítico apresentado pela linguagem escrita e recriá-lo independe do gênero textual que lhe é apresentado.

Nesta pesquisa, entretanto, a análise complexa de um texto e suas múltiplas possibilidades de interpretação serão resultado da leitura de textos literários, mais especificamente do gênero crônica, no sentido de verificar sua contribuição na formação de um leitor crítico no Ensino Fundamental II.

Segundo Salvatore D'Onofrio (1995), a linguagem literária se distancia da linguagem usual devido a fenômenos estéticos e ao caráter de novidade na organização das palavras do texto. A presença desses elementos é um dado relevante para a comprovação do seu caráter artístico e conseqüentemente literário.

Entretanto, a análise desses aspectos característicos da linguagem literária não é devidamente apresentada para os alunos, no sentido de apresentar toda a imensidão de conhecimento que pode ser extraída da literatura, pois desde a reforma promovida pela Lei 5.692/71, inspirada em uma concepção nacionalista e tecnicista, o ensino da literatura no Brasil passou a ser resumido a uma memorização de períodos, autores, obras e datas que pouco acrescentam no processo de ensino-aprendizagem.

E como consequência surge o manual didático, na forma como se conhece hoje, com textos, estudos dirigidos e exercícios preparados diretamente para o aluno, ignorando o processo criativo a ser desenvolvido pelo professor, impossibilitando expandir a relação ensino-aprendizagem além das páginas do manual.

O conjunto de documentos publicados a partir Lei n. 9.394/96 que inclui os PCN aponta para um caminho diferente, de busca do conhecimento significativo para o aluno, de intercâmbio de conhecimentos entre as várias disciplinas, de participação social e compromisso com a cidadania, de integração do estudante ao mundo globalizado e tecnológico, entre outros fins.

Não se pode deixar de mencionar que se o estudante vive em um mundo globalizado onde há um excesso de imagens com poucas informações, já que há uma

predominância do visual, é importante propiciar a esse aluno que existem vários tipos de textos, possibilitando uma visão crítica que abrange as relações sociais, uma interatividade mais estreita entre escritor-texto-leitor.

A aproximação entre escritor-texto-leitor vai proporcionar uma aprendizagem em que a construção de conhecimentos inerentes à leitura, compreensão e produção de textos caminhem juntos, já que propõem estratégias de ensino-aprendizagem compartilhadas.

Se antes dos textos tem-se a realidade com os sentidos, com os textos literários crescemos mais ainda a percepção porque ler significa apoderar-se também daquilo que está distante dos sentidos. É a respeito de se percorrer caminhos distantes da realidade vivenciada que o próximo capítulo irá tratar: a importância do letramento literário.

Nesse sentido, a leitura de textos literários, conforme os PCN (1998) tem contribuído para o desenvolvimento de um imaginário que permita trabalhar não só a habilidade crítica do aluno, mas também uma memória brasileira, como aspectos de nossa identidade.

Ainda de acordo com os PCN (1998) a habilidade expressa recupera as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura propicia que o professor se questione se o que vem ensinando atinge os objetivos a ela relacionados. A leitura de textos literários têm contribuído para o desenvolvimento de um imaginário que permite trabalhar com a memória brasileira, com aspectos de nossa identidade.

Tanto a Constituição Federal de 1988 como os PCN afirmam que a educação visa ao pleno desenvolvimento da pessoa humana e a seu preparo para o exercício da cidadania, por isso é importante que a leitura do texto literário implementada em sala de aula seja utilizada como instrumento de reflexão e ponte para o entendimento do aluno entre sua cultura, memória, identidade, imaginário e realidade, tornando-se uma pessoa mais completa em seu repertório de conhecimento, e sendo capaz de analisar sua realidade criticamente.

É, portanto, nesse sentido que este estudo apresenta algumas formas de introduzir o texto literário no ambiente escolar, objetivando a formação de um sujeito crítico, como pode ser percebido nos capítulos seguintes.

## Capítulo 2

### O letramento literário

Ai que prazer/Não cumprir um dever,/Ter um livro para ler/ e não o fazer! Ler é maçada/Estudar é nada./O sol doira sem literatura./ O rio corre, bem ou mal./Sem edição original.

Fernando Pessoa

A epígrafe expressa um aspecto atual ao confirmar a imagem de que estudar, ler e conhecer literatura são práticas sem sabor, ligadas a um universo da obrigação, distantes dos prazeres encontrados em outras atividades. Mas como propiciar que esse conjunto de versos funcione como elo entre as gerações, possibilitando uma forma de sentir e se relacionar com o mundo, de forma que essa fala viva que vem do passado, não tão remoto, passe a integrar o presente?

Como se sabe, a realidade vivida hoje nas escolas é de pouca motivação para o universo da leitura e, principalmente, vista como uma atitude menor no processo ensino e aprendizagem. Os alunos revelam desinteresse não somente pelo texto literário, mas pelo texto não literário também. A atividade de leitura não desperta mais sua curiosidade nem se apresenta como atrativa.

Convém destacar que os alunos também não se mostram competentes para analisar e interpretar textos literários, nas mais variadas dimensões responsáveis pela construção de sentidos: recursos de expressão, estrutura, relações entre forma e conteúdo, aspectos de estilo pessoal, contextualização histórico-cultural, entre outros aspectos. Portanto, falta o que se chama de letramento literário.

No texto que inicia a obra de Rildo Cosson (2012), *A fábula do imperador chinês* sintetiza muito bem a questão:

(...) – Como pode ser impossível realizar uma tarefa tão simples quanto educar três jovens com todos os recursos à disposição do mestre? - retrucou enfurecido o imperador. O sábio prostrou-se. Pediu mil perdões pela sua impostura. Louvou a grandeza ímpar do imperador. Por fim, respondeu que a tarefa era impossível por causa dos alunos. Ante a surpresa do imperador, que sabia da saúde e da inteligência dos três jovens, o sábio explicou: - A tarefa é impossível porque vosso filho favorito, aquele que irá sucedê-lo no comando do império, sabendo-se escolhido, acredita que já não precisa de mais nada para ser imperador além do desejo do seu pai. Já seu irmão, aquele que é filho de uma concubina sem nome, sabendo-se preterido, acredita que em nada modificará sua vida tal

conhecimento, uma vez que será sempre o esquecido. O servo, ao contrário de seus senhores, deseja muito aprender, porém nada sabe, e quem nada sabe, nada aprende. Em suma, meu imperial senhor, vós nos destes a missão de ensinar para as mais temíveis inimigas de qualquer educador: a arrogância, a indiferença e a ignorância. Separadas podemos combatê-las e vencê-las, juntas são imbatíveis. (p.10)

Os obstáculos explicitados na fábula se fazem presentes na tarefa do educador na medida em que necessita adentrar ao texto literário. As dificuldades são imensas. Tanto pelo desinteresse por parte dos alunos que muitas vezes consideram o texto literário, enfadonho e desnecessário à sua formação. Há também a falta de incentivo por parte do professor que não se mostra preparado para ensinar literatura. Outro aspecto que não se pode esquecer mencionar é que se vive em uma sociedade de imagens, e como tal, o texto verbal cada vez mais é diminuto.

## 2.1 O LETRAMENTO EM SALA DE AULA

É preciso caminhar em sentido contrário: trilhar a trajetória de diminuir as dificuldades e incentivar o despertar de uma leitura sob o viés de um olhar crítico. Cosson (2012) faz a ressalva de que o processo de composição do corpo físico que é resultado da soma de outros corpos como, por exemplo, “o corpo linguagem, o corpo sentimento, o corpo imaginário, o corpo profissional entre outros. Assim, considera-se que a constituição corpo humano seja a mistura desses corpos”. (P. 15).

Portanto, pensar e agir depende da palavra. Ao se fazer essa observação, afirma-se que ao não se exercitar o corpo físico, corre-se o risco de perder a mobilidade física. Dessa forma, a não utilização, por meio da leitura, do uso da palavra, também acarreta danos à saúde mental e impede a capacidade de olhar em redor e questionar esse contexto.

Desse modo, o corpo linguagem apresenta características próprias de funcionamento. Sabe-se que, de modo geral, as pessoas exercitam a linguagem de muitas maneiras durante a vida. O mundo é representado pelas várias linguagens, em outras palavras, o mundo se torna concreto pela expressão da palavra.

Nesse sentido, o corpo linguagem do sujeito é feito das expressões que ele preferir e exercitar: quanto mais ele usar a língua, maior será o seu corpo linguagem e maior será seu mundo. Isso porque as palavras que alimentam o corpo linguagem vêm

da sociedade na qual o indivíduo está inserido, por isso pertencem a uma coletividade, não são propriedades exclusivas de ninguém. Para adquiri-las basta que se pertença a uma comunidade humana.

O uso da palavra pela comunidade faz dela propriedade do indivíduo que a profere, isto é, cada pessoa pode tornar sua as mesmas palavras faladas outrora por alguém, uma vez que o processo de aquisição da palavra é simultâneo, ou seja, tanto de caráter coletivo quanto individual. Tal simultaneidade confere à palavra novas possibilidades, que permite multiplicá-las, dividi-las e promover a significação do fazer humano.

Cabe ressaltar que em uma comunidade letrada, por exemplo, existem várias maneiras de exercitar o corpo linguagem pelo uso da palavra. No entanto, somente uma ocupa um lugar privilegiado ou central na sociedade letrada. A escrita. Como se sabe, as evoluções tecnológicas e a globalização contribuíram para o fortalecimento e a difusão da escrita, que passou a ser necessária e indissociável às diversas práticas sociais.

Assim, a escrita torna-se privilegiada porque é por meio dela que a humanidade registra seus saberes e organiza-se, desprende-se das barreiras que lhe são impostas pelo tempo e pelo espaço. Tornando-se dessa forma uma ferramenta libertadora e indispensável para o rompimento dos limites físicos dos sujeitos.

Diante disso, pergunta-se qual a importância da literatura na construção do corpo linguagem? Para responder a essa pergunta leia o trecho abaixo:

A literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante. A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. (...) a literatura revela-se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita. Em outras palavras, é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos. ( COSSON. 2006, p.16).

Pode-se perceber que a literatura é de grande importância para a construção do leitor pleno, visto que é repleta dos saberes sobre o homem e o mundo, pois estabelece a relação entre os vários saberes presentificados no texto, propiciando a leitura de



novos mundos, do desenvolvimento de seu imaginário, e possibilitando a interpretação e a produção de texto menos “dolorosa”. Além disso, a literatura é impregnada de artifícios e preserva em si o passado, o presente e o futuro da expressão. Não se pode deixar de mencionar que a leitura literária permite apreender a leitura de mundo pela experiência de outrem e vivenciá-la em toda sua extensão.

Ainda segundo Cosson (2006), o ensino da literatura tem sofrido uma crise por sua escolarização inadequada, a começar pelo que se entende por literatura nos Ensino Fundamental e Médio. No primeiro, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com a literatura. “O parentesco, é reforçado pela temática e pela linguagem”. Já no segundo, o ensino de literatura restringe-se à literatura brasileira, como expõe o trecho que se segue:

(...) a história da literatura, usualmente na sua forma indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos sobre gêneros, forma fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. Os textos literários, quando aparecem, são fragmentados e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários antes nomeadas. (COSSON. 2001, p. 21 ).

É importante mencionar que o estudo das escolas literárias, via cronológica, elegendo somente as obras do cânone, não possibilita o diálogo com outros saberes. Delimita a ação da leitura a um único momento, o do contexto de sua produção, isolando-a de outros aspectos como o social, histórico, cultural e político, impedindo, portanto, a relação com outras manifestações artísticas contemporâneas. Tal procedimento não desperta no aluno a possibilidade de estabelecer elos com outras categorias, sejam artísticas ou não, gerando entraves na percepção do conteúdo da obra lida, pois impede um dialogismo que o professor pode estender até à atualidade.

De um modo ou de outro, não se pode deixar de reconhecer a importância da literatura para o ensino-aprendizagem dos alunos da Educação Básica. Precisa-se criar mecanismos de ensino para garantir a boa qualidade nas aulas de LP, principalmente, no Ensino Fundamental II, no qual se encontram leitores iniciantes que necessitam de uma base que propicie uma consolidação da prática da leitura prazerosa, possibilitando a aquisição de conhecimentos que se integrem ao cotidiano dos alunos. A leitura realizada desse modo não se torna uma obrigação, leva a um entretenimento

consciente. Portanto, é necessário que se torne a leitura literária uma atividade planejada, objetivando, antes de mais nada, a formação do leitor competente.

Nesse sentido, temos os comentários de Walty (2001):

Numa sociedade empobrecida, a escola não pode prescindir de seu papel de divulgação dos bens simbólicos que circulam fora dela, mas para poucos. A literatura deve circular na escola, pois urge formar um leitor sensível e crítico, que perceba o sentido do ritual, faça parte dele sem se submeter cegamente. (p.54).

Deve-se estabelecer sempre que o letramento literário é uma prática social, portanto, de responsabilidade da escola. A escola deve ensinar ao aluno explorar o texto literário, mas, para que isso ocorra da maneira adequada, vale destacar pressuposições errôneas acerca do letramento literário: de que o livro fala por si só e que ler é um ato solitário.

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessário para conhecer e articular com proficiência o mundo da linguagem. ( COSSON. 2012, p.30)

Com base na leitura e nos argumentos de Cosson (2012), não se pode focalizar apenas a seleção de textos literários contemporâneos para a promoção do letramento literário, tampouco, escolher somente os “clássicos”, mas mesclar a escolha desses textos, de forma que se constitua em uma linguagem mais acessível, como, por exemplo, o gênero crônica, que ao abordar assuntos atuais desperta o interesse, bem como o senso crítico no aluno.

Não se pode deixar de mencionar a maneira como vem sendo tratado o texto literário em sala de aula. É sabido que a aula de LP tem se tornado uma produtora de leitores passivos e, quando não, de leitores oprimidos. A educação tem sido pensada do ponto de vista da relação entre ciência e a técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática. Se o par ciência/técnica remete a uma perspectiva positiva e retificadora, o par teoria/prática remete, sobretudo, a uma perspectiva política e crítica.

Mesmo com a implementação da LDB e dos PCN, o método de ensino no Brasil pouco mudou, como bem define Magda Soares (2001):

A literatura se apresenta na escola sob forma de fragmentos que devem ser lidos, entendidos, interpretados. (...) a questão da seleção do fragmento que constituirá o texto a ser lido e estudado; a questão da transferência do texto de seu suporte literário para um suporte didático, a página do livro didático; e, finalmente, e talvez o mais importante, a questão das intenções e dos objetivos da leitura e estudo do texto. (p. 25-26)

Conforme salienta o trecho há uma escolarização inadequada do texto literário, na qual o texto perde sua essência, ou seja, serve de pretexto para o ensino de elementos linguísticos e da gramática, e desvincula seu caráter literário em uma didatização errônea que a escola há muito tem adotado. Com a transposição do texto literário para o livro didático, ele perde muito de sua significação.

Veja outra forma de distorção que a autora considerada mais grave: “A alteração do gênero do texto: textos em prosa, textos literários são interpretados como textos informativos, textos jornalísticos como textos literários”... (SOARES, 2001)

Não se pode falar em texto literário sem ressaltar a diferença entre gênero textual e gênero literário, questão que confunde muito o entendimento do aluno leitor. Vale esclarecer que gêneros textuais são todos os textos que possuem uma unidade de sentido e uma finalidade dentro de uma sociedade, e que se apresentam em número indeterminado. Já os gêneros literários são apenas três: o épico, o dramático e o lírico. Esses últimos se definem pela maneira com que a sua estrutura física ou linguística se organiza dentro da teoria literária.

Portanto, o professor deve adotar textos literários que estabeleçam ligação com a realidade do aluno, possibilitando posteriormente atividades que os alunos possam interagir e, conseqüentemente serem sujeitos atuantes no processo de aprendizagem, evitando a prática estabelecida apenas pela visão do professor.

É importante ressaltar que a intervenção no processo seletivo de textos para serem aplicados em sala deve atuar de modo positivo no combate à falta de motivação em relação à leitura. A escolha de textos não cabe somente ao professor. Decorre do diálogo entre professor e aluno, observando a realidade de cada turma. Um texto pode ser bem apreendido em uma sala de aula e em outra não despertar atenção. A percepção do professor é importante na seleção do texto para cada sala de aula.

Ao se seguir um procedimento do professor Cosson (2006) que sistematiza o aprendizado em três etapas como: centralização no texto, no leitor, e tanto no texto como no leitor, desenvolve-se a capacidade não só de análise como de interpretação por parte do aluno em relação à leitura. E, portanto, desperta o interesse pelo processo de ler e apreender o que foi lido, não só de textos literários, mas de não literários.

O capítulo 3 tratará da aplicabilidade das etapas sugeridas pelo professor Cosson, em sala de aula, com análise de uma crônica de Luís Fernando Veríssimo, sempre com o objetivo na formação do leitor crítico.

### CAPÍTULO 3

## O GÊNERO CRÔNICA EM SALA DE AULA

Se, por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.

Marisa Lajolo

Ao se objetivar a leitura do gênero crônica na sala de aula, não se pode deixar de enfatizar a existência de um texto que recebe a denominação de literário, uma rede cujas malhas, menos ou mais fechadas, proporcionam intercâmbio entre diferenças, esferas, instâncias, formações, tecnologias, saberes, instituições e projetos que integram e delimitam o campo onde um texto se torna literário.

Segundo Marisa Lajolo (1993), pode-se distinguir vários tipos de leitura, mas o que interessa nesta pesquisa é a leitura da literatura e a ligação entre leitura e leitor no sentido de despertar o prazer do texto, a formação de um leitor crítico, ressaltando o potencial cognitivo e criativo na relação ensino e aprendizagem. Qual é então a especificidade do texto literário em relação a outros tipos de leitura?

A leitura de um texto literário possibilita a reconstrução de uma nova obra pelo leitor. É uma outra experiência, que se caracteriza pelo confronto entre o que diz o texto e a predisposição do leitor, pois a literatura informa através de outras dimensões que não as da realidade imediata, por sua ambiguidade, sua plurissignificação. A leitura de um romance, por exemplo, possibilita ao leitor uma reação com os sentidos, com a emoção; conhece-se outra dimensão da realidade que é o imaginário. Personagens e situações se constroem e se desconstroem diante dos olhos do leitor, assumindo concretude por meio da identificação, ou não, com o mundo do leitor.

Essa identificação, ou seu contrário, assume importância especial quando se trata do texto literário, seja qual for o seu gênero. O problema da pesquisa se refere à leitura da crônica “Segurança”, de Luís Fernando Veríssimo, em sala de aula.

A palavra grega *chrónos*, que significa “tempo”, encontra-se na língua portuguesa como radical de muitos termos que, etimologicamente, ligam-se ao sentido original. Ao rastrear dicionários, sabe-se, por exemplo, que “cronônimo” é um

designativo de divisão de divisões do tempo; que “cronograma” é um gráfico que prevê prazos para execução de um trabalho; e que obedecer a uma ordem cronológica é dispor fatos na ordem temporal em que se deram. (NASCENTES, 1955)

Assim também a palavra “crônica”. O mesmo radical das palavras citadas nela está presente, relacionando-a com a ideia de tempo. A palavra “crônico” é dada como originária do grego *chronicos* (relativo ao tempo), recebida pelo latim *chronicu*. Todas essas variantes estão relacionadas ao tempo. (MOISÉS, 1974).

Ao se traçar uma panorâmica do gênero crônica, sabe-se que está situado entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. A crônica atinge o ápice depois do século XII, na França, na Inglaterra e em Portugal com Fernão Lopes, quando se aproxima estreitamente da história. (BENDER & LAURITO, 1993).

No século XIX, a crônica é empregada liberta da conotação historicista, o vocábulo voltou a ter um sentido estritamente literário. Beneficiando-se da imprensa, a crônica adere ao jornal e chega até à atualidade.

A crônica, portanto, é, na maioria dos casos, prosa poemática, humor lírico, fantasia, afastando-se do sentido de história, de documentário. Em um sentido genérico, usa-se a palavra crônica para indicar, até hoje, o registro da feição de uma época, as memórias de um passado que se quer fixar.

Em português, segundo Afrânio Coutinho (1976), a partir de certa época a palavra começou a ter roupagem semântica diferente. “Crônica” e “cronista” passaram a ser usados como um gênero literário específico, estreitamente ligado ao jornalismo.

É importante destacar que, para se caracterizar a crônica, deve-se ressaltar, de um lado, a sua natureza literária e, de outro, a natureza ensaística. Pelo primeiro traço, ela se distingue do jornalismo, o que é importante enquanto a crônica é um gênero ligado ao jornal; mas enquanto o jornalismo (artigos, editoriais) tem no fato o seu objetivo, seja para informar divulgando-o, seja para comentá-lo direcionando a opinião, para a crônica o fato só vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto de que o artista retira o máximo para singularizar seu estilo. A crônica é em sua essência uma forma de arte, arte da palavra, a que se liga uma forte dose de lirismo. É um gênero pessoal, uma reação individual, íntima, diante da realidade, das coisas e dos

seres humanos. Ao se destacar o segundo traço, evidencia-se uma relação com a crônica cultivada pelos ingleses em que se caracteriza o aspecto coloquial e informal.

Convém citar Gilberto Freyre (1977) para evidenciar a linha tênue que propicia a crônica o pertencimento ao jornalismo e à literatura:

Por jornalismo literário não se deve entender o jornalismo que se ocupe de assuntos literários; e sim o que se caracteriza pela potência literária do jornalista-escritor. Um característico relativamente fácil de ser captado: contanto que se dê ao tempo. O escritor-jornalista ou o jornalista-escritor é o que sobrevive ao jornal: ao momento jornalístico. Ao tempo jornalístico. Pode resistir à prova tremenda de passar do jornal ao livro. [...] Em Nélsion Rodrigues, como em Eça de Queirós, o escritor vence o tempo como escritor, embora servindo-se do jornal; da correspondência para o jornal, do comentário ao acontecimento do dia. Nélsion Rodrigues é, dos dois, o mais vigoroso nessa espécie de expressão literária: a transferível de jornal para livro. Ele é lido em livro, tão forte de virtude literária, quanto lido em jornal (*apud* MOISÉS, 1974, p.225).

A crônica é um fazer literário e o exercício da crônica pode permitir ao prosador que seja também poeta, ao jornalista que seja filósofo ou místico, ao contador de casos que seja um historiador do cotidiano, um trágico que a ela se dedique, como Nélsion Rodrigues deixará sua marca também.

A crônica brasileira, como salientou Coutinho (1976), está ligada à vida cotidiana, apela frequentemente para a oralidade, adquirindo inclusive certa expressão dramática no contato com a realidade da vida diária. O importante a se evidenciar na caracterização da crônica é a superação de sua base jornalística e urbana em busca de transcendência, seja construindo uma vida além do fato, da notícia, seja enriquecendo a notícia com elementos de tipo psicológico, metafísico ou com humor, seja expressando a visão de mundo do autor.

A crônica “Segurança” de Luís Fernando Veríssimo, *corpus* da pesquisa, trata de uma questão muito pertinente à contemporaneidade: a violência nos grandes centros urbanos. O aspecto primordial destacado na venda das casas do condomínio era a segurança. Mas com toda a segurança propagada, os assaltos aconteciam. E cada vez mais que se fechava o cerco em relação ao impedimento dos assaltos, mais eles continuavam. Enfim, a ampliação dos mecanismos contra assaltos propiciou que os

moradores do condomínio terminassem enjaulados impedidos de saírem e observados de fora pelos assaltantes entre as grades.

A ideia da segurança do condomínio é reiterada em todo o texto. Esse fato permite classificar a preocupação do autor em relação a um contexto atual em que a escassez de segurança pública a venda de imóveis reforça esse aspecto em detrimento de outros.

O ponto de venda mais forte do condomínio era a sua segurança. Havia as mais belas casas, os jardins, os playgrounds, as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança. Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com muitos guardas que controlavam tudo por um circuito fechado de TV. Só entravam no condomínio os proprietários e visitantes devidamente identificados e crachados (VERÍSSIMO, 2001, P. 97).

É interessante destacar as providências reiteradas invocadas no texto para acabar com os assaltos.

Mas os assaltos começaram assim mesmo. Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas. Os condôminos decidiram colocar torres com guardas ao longo do muro alto. [...] Decidiram eletrificar os muros. [...] Grades nas janelas de todas as casas. [...] Foi feito um pedido para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível. Dois assaltantes tinham entrado no condomínio no banco de trás do carro de um proprietário, com um revólver apontado para a sua nuca. Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados.[...] Foi reforçada a guarda. Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima. E foi tomada uma medida extrema. Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém. Visitas, só num local predeterminado pela guarda, sob sua severa vigilância e por curtos períodos. E ninguém pode sair (VERÍSSIMO, 2001, P. 97).

O foco narrativo da crônica é em 3ª pessoa. Existe um narrador que relata o acontecido. Há, portanto, um distanciamento entre o fato narrado e quem conta o fato. Entre o enunciado e a enunciação.

[...] Decidiram eletrificar os muros. Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse no fio de alta tensão em cima do muro morreria eletrocutado. Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar (VERÍSSIMO, 2001, P. 97).

Outro aspecto deve ser ressaltado e diz respeito ao leitor. O leitor, pelo menos é real? O que se deduz da leitura da crônica é que o leitor existe, é morador da cidade, *locus* de enunciação do texto contemporâneo, espaço onde tudo acontece. Inclusive a



violência e, conseqüentemente a preocupação com a segurança com seus mecanismos cada vez mais controladores, impedimento aos assaltos. Deve-se evidenciar que a preocupação com a segurança é relatada de maneira progressiva, evidenciando um comportamento cada vez mais neurótico, um isolamento, até o encarceramento dos moradores em suas residências e transformando o condomínio em prisão de segurança máxima, os moradores vigiados em tempo real, com motins e tentativas de fuga. O condomínio transforma-se em um presídio.

[...] Agora, a segurança é completa. Não tem havido mais assaltos. Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio. Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua. Mas surgiu outro problema. As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade. (VERÍSSIMO, 2001, P. 98).

A expressão de um fato cotidiano incessantemente noticiado tanto na mídia impressa quanto na mídia eletrônica, a banalidade da violência, remete à proximidade da crônica, texto literário, com o jornalismo. No entanto, observa-se que a linguagem utilizada no *corpus* evidencia tanto a oralidade como a elaboração de imagens poéticas, propiciando a polissemia, a ambiguidade, características do texto literário. A violência passa a expressar a angústia da contemporaneidade. É preciso se trancafiar, abandonar o direito do homem de ir e vir, da sua liberdade apoiada constitucionalmente, para conservar seu patrimônio, não ser violentado. A sequência de medidas para zelar pela segurança levam o indivíduo ao isolamento que conduz à tirania da solidão: “[...] Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua”. (VERÍSSIMO, 2001, P. 98)

Na análise do *corpus*, não se pode deixar de mencionar a singularidade do estilo do escritor gaúcho Luís Fernando Veríssimo. A linguagem fácil, não linear, mas com um humor sutil, perceptível aos leitores mais aguçados, possibilita não somente o ato prazeroso da leitura, entretenimento, mas a possibilidade de reflexão, de uma atitude crítica.

Verifica-se que a crônica “Segurança”, de Luís Fernando Veríssimo, percorre dois caminhos. No primeiro momento, percebe-se a utilização do riso como provocação

de reflexões em torno dos costumes. Depois, a utilização do riso como forma de denúncia de comportamentos da sociedade, demonstrando que o riso propicia a apreensão mais imediata dos contrastes sociais, por meio da linguagem como mecanismo para apontar uma realidade disfarçada pelo riso.

Não se pode deixar de retomar a importância da formação do leitor crítico no processo de ensino e aprendizagem, problema da pesquisa, para ressaltar a importância do gênero crônica em sala de aula. A prática da leitura, do desvelamento das teias que compõem o texto literário, propõe estratégias compartilhadas, interativas, de aproximação e abordagem da literatura.

Torna-se imprescindível a preservação do que se denomina literariedade articulada a outras práticas sociais de linguagem, como o debate oral e a escrita, em substituição a uma prática enfadonha de interpretação solitária dos textos literários. O gênero crônica possibilita não somente a interdisciplinaridade como a transdisciplinaridade, visto que o texto literário constitui-se de uma teia que engloba vários saberes.

Deve-se na relação ensino e aprendizagem, especialmente no Ensino Fundamental II, despertar o direito de gostar de ler, do prazer da leitura e de usufruir da leitura. Portanto, o professor assume integralmente seu papel de formador, de orientador, de apoio, de guia e de companheiro nesse percurso quase sempre caótico. A relação teoria e prática não combina com a falta de experiência. Cabe, portanto, ao professor não somente ser o mediador, mas provocar o aluno, seja na seleção dos textos, seja na construção compartilhada do saber, seja, enfim, na elaboração de atividades que envolvem o texto literário compatíveis com a realidade do aluno.

É importante orientar sobre o valor da leitura e a forma de desenvolvimento das atividades de leitura não somente realizadas em aula e em casa. Essa visão direciona o comportamento do aluno para as diversas possibilidades de leitura, proporcionando segurança aos leitores, menos aptos para a leitura, uma vez que não se sentirão desassistidos; dará, enfim, oportunidade ao leitor mais desenvolvido de fazer uma leitura antecipada, solitária e reflexiva, de dialogar com o professor e, seguramente, de motivar e ajudar os colegas.

Finalmente, se a linguagem é o real, é o modo como se entende e se expressa, o imaginário é também real enquanto expresso pela linguagem. E a arte enquanto linguagem é sempre manifestação concreta da história. A literatura estaria, nesse terreno, apta a ajudar o indivíduo a perceber de modo mais acessível a linguagem das coisas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crônica “Segurança”, de Luís Fernando Veríssimo, *corpus* da pesquisa, compreende a prática de que a utilização do riso pode provocar reflexões em torno dos costumes e uma estratégia para denunciar comportamentos da sociedade.

Se a literatura é apta a ajudar o indivíduo a perceber de forma mais acessível a linguagem das coisas, a orientação que os leitores de leitura recebem devem possibilitar o estabelecimento de relações entre o texto literário e a realidade. Não é possível orientar e despertar para a leitura de ficção sem destacar a realidade e a objetividade do texto literário.

A aquisição do espírito crítico e o desenvolvimento do vocabulário parecem ser, à primeira vista, dois dos principais efeitos da leitura sobre o indivíduo. A leitura é essencial para a compreensão do escrever, o terceiro efeito, ou seja, só quando o texto literário estimula, desperta a criação a partir dele, é que o círculo se fecha.

As políticas públicas no Brasil têm determinado orientações a respeito da Educação com o objetivo de diminuir as lacunas do ensino da língua portuguesa e da literatura, como por exemplo, a Lei n. 5.692/1971, a Lei das Diretrizes e Bases, e a Lei 9.394/1996, das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, os Parâmetros Curriculares (PCN).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram criados para que as diretrizes da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) seguissem um processo de atualização acerca da relação ensino e aprendizagem compatíveis com os novos tempos, especialmente no desenvolvimento de uma relação interdisciplinar, estimulando a permeabilidade entre as disciplinas da estrutura curricular, além de estabelecer um relacionamento entre ensino, ciência e tecnologia, tendo a categoria da competência como um dos conceitos centrais.

No entanto, não se pode deixar de destacar que estabelecer a prática de uma relação interdisciplinar requer uma prática desde sempre do letramento, na pesquisa, o que se evidenciou foi o letramento literário.

A realidade vivida hoje nas escolas é de pouca motivação para o universo da leitura e, principalmente, vista como uma atitude menor no processo ensino e

aprendizagem. Os alunos revelam desinteresse não somente pelo texto literário, mas pelo texto não literário também. A atividade de leitura não desperta mais sua curiosidade nem se apresenta como atrativa.

Convém destacar que os alunos também não se mostram competentes para analisar e interpretar textos literários, nas mais variadas dimensões responsáveis pela construção de sentidos: recursos de expressão, estrutura, relações entre forma e conteúdo, aspectos de estilo pessoal, contextualização histórico-cultural, entre outros aspectos. Portanto, falta o que se chama de letramento literário.

A proposta que norteou a pesquisa, a formação do leitor crítico, encontrou sustentação na prática da leitura do gênero crônica em sala de aula. Já que a linguagem da crônica “Segurança” é mais facilmente apreendida pelo aluno porque trata de aspectos do cotidiano e a aparente brincadeira da leitura propicia efeitos sobre o leitor na forma de conhecimento ou reconhecimento da realidade.

Ler, portanto, significa colher conhecimentos e o conhecimento é sempre um ato criador, pois obriga a rever o que já está estabelecido, introduzindo o leitor a um novo perceber do que o cerca.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica**. História, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. em três artigos que se completam . São Paulo: Cortez, 1992.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955.
- SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: \_\_\_\_\_. **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Apresentação e seleção de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- WALTY, Ivete Lara Camargo. Literatura e escola: anti-lições. In: \_\_\_\_\_. **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

**ANEXO**

## • Segurança

O ponto de venda mais forte do condomínio era a sua segurança. Havia as belas casas, os jardins, os playgrounds, as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança. Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com muitos guardas que controlavam tudo por um circuito fechado de TV. Só entravam no condomínio os proprietários e visitantes devidamente identificados e crachados.

Mas os assaltos começaram assim mesmo. Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas.

Os condôminos decidiram colocar torres com guardas ao longo do muro alto. Nos quatro lados. As inspeções tornaram-se mais rigorosas no portão de entrada. Agora não só os visitantes eram obrigados a usar crachá. Os proprietários e seus familiares também. Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para a guarda. Nem as babás. Nem os bebês.

Mas os assaltos continuaram.

Decidiram eletrificar os muros. Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse



no fio de alta tensão em cima do muro morreria eletrocutado. Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar.

Mas os assaltos continuaram.

Grades nas janelas de todas as casas. Era o jeito. Mesmo se os ladrões ultrapassassem os altos muros, e o fio de alta tensão, e as patrulhas, e os cachorros, e a segunda cerca, de arame farpado, erguida dentro do perímetro, não conseguiriam entrar nas casas. Todas as janelas foram engradadas.

Mas os assaltos continuaram.

Foi feito um apelo para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível. Dois assaltantes tinham entrado no condomínio no banco de trás do carro de um proprietário, com um revólver apontado para a sua nuca. Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados. Além do controle das entradas, passou a ser feito um rigoroso controle das saídas. Para sair, só com um exame demorado do crachá e com autorização expressa da guarda, que não queria conversa nem aceitava suborno.

Mas os assaltos continuaram.

Foi reforçada a guarda. Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima. E foi tomada uma medida extrema. Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém. Visitas, só num local predeterminado pela guarda, sob sua severa vigilância e por curtos períodos.

E ninguém pode sair.

Agora, a segurança é completa. Não tem havido mais assaltos. Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio. Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e

talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua.

Mas surgiu outro problema.

As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade.

A guarda tem sido obrigada a agir com energia.